

CARTA SEMANAL

O voto hepático

09 DE OUTUBRO DE 2026

CANÁRIO DA MINA
ED. 176

G5 Partners

No último domingo (4/10), tivemos o primeiro turno da eleição presidencial e, se o futebol é uma “caixinha de surpresas”, o resultado dessa votação poderia ser classificado como um “baú de surpresas”. A onda conservadora impactou não só os votos para presidente, como também para o Congresso, notadamente para o Senado. Portanto, o objetivo desta edição de “O Canário da Mina” é entender o que causou esse resultado e o que ele nos diz sobre o round final de 25 de outubro.

No que se refere aos números do Congresso, não há dúvida de que o grande vitorioso do dia foi o campo conservador em geral e o PL em particular. Na Câmara, o partido do candidato à presidência Flávio Bolsonaro passou de 98 para 121 deputados, tornando-se o maior partido da Casa, posto anteriormente ocupado pela federação União-PP, que viu seu número de cadeiras cair de 104 para 87. A Federação PT-PC do B-PV até aumentou sua bancada – passando de 82 para 88 deputados –, mas o campo da esquerda¹ como um todo caiu de 128 para 124 cadeiras, ficando abaixo do que poderíamos chamar de campo conservador, que além do PL teria o NOVO, cujo número de deputados subiu de 3 para 10. Entretanto, para surpresa de ninguém, quem ainda manda na Câmara dos Deputados é o centrão, que, apesar de ter perdido 20 cadeiras, ainda tem 261 deputados, o que deve ser suficiente para reeleger, por exemplo, Hugo Motta (Republicanos/PB) para a presidência da Casa. Já no Senado, a história é diferente.

Não porque o PL deixou de ser o grande vitorioso, mas porque o aumento do número de senadores do partido (de 9 para 28) significa que sozinho ele terá quase o dobro do tal campo da esquerda, que elegeu 15 senadores, e chegará a 35% do total das cadeiras da Casa. Portanto, a chance de Davi Alcolumbre (União/AP) ser reeleito para a

presidência da Casa é próxima de zero, com Rogério Marinho (PL/RN) sendo “pule de dez” para assumir o cargo a partir de fevereiro de 2027. Uma consequência disso é que, salvo algum acordo por baixo dos panos, algum dos mais de 100 pedidos de impeachment contra ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) deverá sair da “gaveta” da presidência do Senado, havendo, segundo apuração da colunista Malu Gaspar, 51 votos para sua aprovação – são necessários 54. Portanto, seja na Câmara, seja no Senado, o Congresso vai ser mais conservador do que na legislatura passada – algo de certa forma esperado, mas não nessa intensidade. Por que isso aconteceu?

Em nossa percepção, o eleitor votou com o “fígado”, reagindo principalmente ao que vem acontecendo na justiça brasileira, em especial no STF. Ao longo da campanha, vimos ministros desautorizando ministros em movimentos que muitas vezes se assemelhavam mais a comitês eleitorais do que a cortes superiores, culminando com a interferência direta de Kassio Nunes Marques, Gilmar Mendes e, sobretudo, Estela Aranha – ministra do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) – no debate da Rede Globo no dia 1º de outubro, que foi cancelado. Inclusive, acreditamos que o currículo de Estela Aranha – com passagens pela assessoria jurídica de Lula e pela

¹ PT-PC do B-PV, PSOL-REDE, PSB e PDT.

Secretaria Nacional de Direitos Digitais do Ministério da Justiça na gestão de Flávio Dino – tenha sido o combustível que acelerou a onda conservadora, não apenas inflando a bancada do PL no Congresso, como também gerando a grande surpresa desta eleição: Flávio Bolsonaro à frente de Lula na votação do primeiro turno.

Em média, as pesquisas mostravam Lula na frente com uma vantagem de 3,2 p.p. sobre Flávio, com nenhum dos institutos apontando o inverso, mas as urnas registraram Flávio 1,9 p.p. à frente de Lula. O que torna esse resultado ainda mais surpreendente não é nem o voto útil no filho de Jair Bolsonaro – movimento que já vinha sendo registrado desde meados de setembro –, mas o fato de que as pesquisas mostraram uma perda de fôlego dessa tendência na semana que antecedeu o pleito, como frisamos no OCM da semana passada. Portanto, novamente a questão do debate na Rede Globo deve ter tido um peso importante nesse voto antipetista na reta final. Ou seja, o movimento para derrubar o STF acabou atingindo Lula na esteira, mas não podemos atribuir o resultado apenas a isso. O atual presidente também tem sua parcela de culpa, e isso pode ser visto na comparação de sua votação entre 2026 e 2022, quando também enfrentava um Bolsonaro, só que o pai.

Desta vez, Lula teve um desempenho pior do que em 2022 em todos os principais colégios eleitorais do país, independentemente da região. Em São Paulo, Lula teve 40,9% dos votos em 2022 e apenas 38,2% em 2026 – padrão que se repetiu em outros lugares, como Minas Gerais (de 48,3% para 43,3%) e Rio de Janeiro (de 40,7% para 39,4%). E não foi só na região Sudeste: na Bahia, Lula caiu de 69,7% para 66,2%; em Pernambuco, de 65,3% para 63,4%; e no Ceará, de 65,9% para 63,3%. Na verdade, Lula teve um desempenho percentual pior em 2026 do que em 2022 em 99% das cidades

brasileiras. Portanto, há algo mais estrutural no resultado do último domingo do que simplesmente uma raiva do STF. E isso pode ser visto em um cruzamento feito pelo colunista do jornal O Globo Pedro Dória.

Segundo ele, a única classe social em que Lula venceu foi a E, na qual estão concentrados os beneficiários dos programas sociais do PT. Na classe C houve a maior distância entre Flávio e o atual presidente (53,5% a 37,2%); e aqui está nosso ponto. Nesse grupo social, encontram-se os motoristas de aplicativos e empreendedores individuais, eleitores que só querem que o governo não atrapalhe sua vida, visto que não querem patrão e aspiram crescer na vida. No OCM da semana passada, indicamos que os eleitores da classe C formavam a maior parcela dos indecisos, e os resultados da eleição de primeiro turno dão a entender que eles optaram por Flávio Bolsonaro – o que apresenta alguns desafios para Lula.

O primeiro é que sem reconquistar uma parcela desse grupo, dificilmente Lula viraria o jogo no segundo turno, dado que se trata de aproximadamente 40% do eleitorado. O segundo é que medidas como a aprovação do fim da escala 6x1, uma aposta do PT para tentar mudar o cenário, teria efeitos limitados sobre esse eleitor, pelos motivos supracitados. Ou seja, mais do que novas benesses, talvez o mais certo fosse apostar na desconstrução de Flávio. O problema é que o eleitor médio acha que todos os políticos são “farinha do mesmo saco”, como mostra a pesquisa AtlasIntel: 44% afirmaram que os envolvidos com o esquema de fraudes do Banco Master eram “principalmente os aliados de Bolsonaro” e 43%, “principalmente os aliados de Lula”. Portanto, acreditamos que o maior objetivo de Lula deve ser aumentar o comparecimento do eleitor para “pescar em um lago maior”.

E esse é outro problema para o candidato do PT, que vai ter que “lutar” contra a tendência histórica de crescimento da abstenção entre o primeiro e o segundo turno. Nos últimos anos, apenas em 2022 aconteceu o contrário, e o maior comparecimento acabou impulsionando Jair Bolsonaro. Além disso, precisamos lembrar que dos 26 estados da federação, mais o Distrito Federal, em apenas 6 haverá segundo turno – no Nordeste, apenas 1 (Rio Grande do Norte) –, o que aumenta a expectativa de crescimento da abstenção entre os dois turnos. Portanto, o desafio de ambos os candidatos, sobretudo no caso de Lula, será convencer o eleitor a ir votar em 25 de outubro.

Além disso, Lula teria que atrair os eleitores que votaram nos demais candidatos que não Flávio, como Augusto Cury, Ronaldo Caiado, Renan Santos e Romeu Zema. A questão é que as pesquisas divulgadas desde domingo indicam um cenário adverso para o presidente. Segundo a pesquisa PoderData/AYA, 56% dos eleitores de Augusto Cury votariam em Flávio, e 27% escolheriam Lula; no caso de Renan Santos, esses percentuais seriam 48% e 25%; no de Ronaldo Caiado, 57% e 19%; e no de Romeu Zema, 72% e 10%, respectivamente. Com isso, a pesquisa aponta que Flávio teria 53% dos votos válidos, contra 47% de Lula no segundo turno. Uma situação parecida foi mostrada pelo Datafolha, com o primeiro registrando 52% pontos e o último, 48%.

Por fim, Lula teria que quebrar vários tabus para ganhar a eleição. Nunca um candidato que perdeu o primeiro turno venceu no segundo, e nunca um presidente em busca de reeleição, com níveis de desaprovação acima da aprovação, manteve a cadeira.

Após todas essas considerações, podemos concluir que a maior chance de Lula virar o jogo seria apostar em erros por parte de Flávio; por exemplo, um desempenho ruim

em algum debate televisivo antes do segundo turno. Devemos lembrar que Flávio não tem experiência nesse tipo de embate; na única vez que participou de um – durante a campanha para prefeito do Rio de Janeiro, em 2016 –, acabou desmaiando, sendo acudido por Jandira Feghali, que estava a seu lado. Por outro lado, Lula já participou de dezenas. Portanto, a campanha de Flávio deve passar os próximos dias discutindo sua presença ou não nos debates televisivos até o dia 25 de outubro, e a decisão não será fácil. Se por um lado faltar ao debate fecha esse flanco para Lula se recuperar no segundo turno, por outro abre espaço para a acusação de “ter medo” de debater com o atual presidente. A história não ajuda na decisão. Já vimos candidatos que não sofreram perda de votos por não comparecerem; Jair Bolsonaro é um exemplo. Por outro lado, outros quase entregaram uma eleição ganha; Lula aqui tem destaque. Flávio disse que vai a pelo menos um. A conferir.

Outro erro que o candidato do PL pode cometer é achar que já ganhou e antecipar medidas polêmicas que talvez estejam passando por sua cabeça. Um exemplo seria nomear um dos irmãos, Eduardo Bolsonaro, como chanceler brasileiro – como chegou a dizer no início da campanha, mas voltou atrás após a repercussão negativa.

A conclusão final é que a onda conservadora do primeiro turno que mirou o STF acabou derrubando Lula, ainda que até o momento, e mudou a maré das eleições. Se antes parecia que Lula era ligeiramente favorito por ter a caneta na mão, agora percebemos que isso não é tão importante quanto parecia e que a maior parte da população quer algo que Lula parece não conseguir entregar. Pode haver uma reversão nos próximos 16 dias? Sim, principalmente se a campanha de Flávio cometer erros e/ou este tiver um desempenho desastroso em

algum debate. No entanto, a valor presente, Flávio tornou-se o favorito para ganhar a eleição, como está mostrando o nosso agregador de pesquisas² – que divulgaremos em todo OCM até o segundo turno das eleições, independentemente do tema. No momento, Flávio aparece à frente com 51,7%, contra 48,3% de Lula.

Frase da Semana

“Eu acho que tenho só uma cara, mas, se eu tivesse várias, certamente todas elas teriam vergonha.”

Mário Covas

G5 Partners	2024	2025	2026	2027
IPCA (%)	4,83	4,26	5,20	4,50
SELIC F.P (%)	12,25	15,00	13,75	11,75
USDBRL	6,18	5,50	5,30	5,30
PIB (%)	3,40	2,30	1,90	2,00

² O cálculo não é feito apenas pela média das pesquisas, mas usando filtros e outras técnicas estatísticas, dá mais peso para as pesquisas novas e corrige os vieses das mesmas;

Sobre O Canário da Mina

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.